

QUINTA-FEIRA
Lisboa - 5 de Maio - 1927

5 TOSTÕES



sempre **fixe** *semanário humorístico*

10 N.º 547

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 195
RUA DA ROSA, 57

VELHICE ATRIBULADA



J. B. Valença



Os ditos da semana



Anuncio a V. Ex.^{as}, excellen-
tissimos e illustrissimos passa-
geiros dos electricos da Carris,
sita em Santo Amaro, Arco
do Cego e Londres, que pas-
sam a vida á espera de veiculo,
ou de uma ou em qualquer
outro local mais sereno e de
mais tradições revolucioná-
rias — soma e não segue —
que a Camara Municipal elab-
orou os vossos mandamen-
tos. Ha de tudo. Tudo o que
não é preciso. Por exemplo:
um passageiro não pode viajar
com cães, mesmo que os leve
no bolso em forma de carta,
insultativa e feroz, pedindo o
pagamento de determinada
quantia que se escoou tão
rapidamente como o tempo
concedido e permitido para
a sua satisfação integral. O
passageiro idem, não poderá
abrir ou fechar a janela sem
consultar os outros que vão
à frente, os que vão atraz, os
que hão-de subir, os que hão-
de descer, e ainda aqueles
que, por falta de espaço, de-
sistem de entrar no carro,
em todas as paragens, espo-
radicas ou não, caso ele não
descarrile antes, o que já
se viu, na Estrela, mesmo
ao pé do hospital, para os
feridos não terem muito
trabalho. Querendo abrir a
ventana, mesmo que não
haja vento, faz eleições, con-
cedendo-se assim, pela pri-
meira vez, em Portugal, o
voto ás senhoras. Se ganhar
abrirá a janela, mas se ela o
incomodar, não a poderá fe-
char sem repetir as eleições,
o que pode dar um resultado
contraproducente, já depois
de ter apanhado uma constipa-
ção. Outros mandamentos ex-
primiu a vereação, doutos
mandamentos que proíbem o
cuspo, já proibido e cuspidos;
os bancos *vis-à-vis*, sem licença
da maioria que é sempre de
4 bicos, embora o carro leve
40, etc., etc.

O triste passageiro e tran-
seunte já não sabe onde se
sentar e por onde andar, sem
ser atropelado ou inquietado.
Por um lado os automoveis;
por outro os electricos. No ar,
os aeroplanos, brevemente, o
metropolitano.

Qualquer dia proíbem-nos
de andar a pé, para não der-
reter os asfaltos e escangalhar
as pedrinhas da calçada...



É uma anedota engraçada,
e mais engraçada ainda por-
que é de teatro. Na compa-
nhia Esperanza Iris vem um
artista que tem por obrigação

contar uma historieta, em-
quanto se faz a mudança dos
quadros. É uma figura longa,
talvez espanhola, talvez ita-
liana. Se por acaso se des-
conhecer a terra da sua natu-
ralidade, diga-se: nasceu no
país do humorismo, a uma
terça-feira, num dia treze e
num ano bissexto. Entre as
historietas que ele conta com
impagavel seriedade, ha esta
que pode não ser original,
mas é certamente habilidosa
e feliz:

Um milionario, esgrouviado
e sêco, como peçoço de
camelo, depois de ter atraves-
sado o deserto, entra num
restaurant. Senta-se e diz ao
criado:

— Que ha para comer?
— Serviço de mesa redonda
e lista.

— Traga-me os dois *ménus*.
A ordem é imediatamente
cumprida. O milionario com-
para as ementas. O primeiro é
pobre, diminuto, tem um gui-
sado vulgar, um peixe frito
mais vulgar ainda, e um en-
trecosto com nabo. O outro é
profuso, variado, longo. Vinte
pratos, qual deles o melhor.
Não falta a lagosta, o *foie-gras*,
a *omollette parmentier*, doces
saborosissimos, morangos ge-
lados, uvas de Alicante. Tudo
isto e mais alguma coisa.

O milionario mostra na
cara um rubor de satisfação,
bastante descorado dada a

palidez e a anemia de ambas
as faces. Sem hesitar, como
se fôsse a coisa mais logica
deste mundo, e do outro, onde
se deve comer melhor do que
neste, diz para o criado:

— Quero dois jantares. O
primeiro de mesa redonda.
O segundo da lista.

O criado tem uma contrac-
ção dolorosa de espanto. O
corpo regista um movimento
estranho, como se caísse dum
quinto andar. E é num con-
selho delicado, que diz ao
excepcional freguez:

— Mas o senhor tem esto-
mago para dois jantares?

— Tenho... Sirva-me pri-
meiro o de mesa redonda.

— Mas esse é exactamente
o peor. Se fôsse o outro...

— Comerei os dois. O mau
é para uma bicha solitaria,
que não me larga; o bom, é
para eu comer sem que ela
o saiba.



O sr. Carlos Pereira deixou,
enfim, de ser director da
Companhia das Aguas. Fica
sequinho de todo. Não sabe-
mos ainda se Lisboa lucra
com o desaparecimento da-
quela entidade. É possível
que sim. As arvores da Ave-
nida estão satisfeitissimas.
Prosperam a olhos vistos e
esperam melhores dias. Os
chafarizes, com o entusiasmo,
já têm agua para toda a gente.
Os Pinto Bastos, ventriloquos
do liquido elemento, já não
soluçam; cantam — frescos e
aquosos. Só os mictorios estão
tristes. Acompanham o sr.
Carlos Pereira, no seu des-
gosto. Escorrem aflitivas e
amargas lagrimas. É justo.
Alguem havia de chorar — nós
que tantas vezes pedimos ao
sr. Carlos Pereira mais agua
e menos eloquencia. Ele é
que não estava pelos ajustes.
A Companhia não se tinha
inventado para dar de beber
à população. Seria um crime,
mas sim para a matar á sede
— sequiosamente! Era esse o
seu grandé objectivo. O sr.
Carlos Pereira, durante mui-
tos anos, conseguiu-o, suando,
discutindo, argumentando.

— «Como se atreve Lisboa
a pedir agua se eu sou pelo
regime sêco! Aqui e em toda
a parte, menos em minha
casa, mas isso é por escru-
pulo.»

Lisboa não se lavava. Havia
incendios. Havia poeira. Havia
tudo, graças ao sr. Carlos Pe-
reira!

Até que enfim!
Secou de todo!



— Coltada! Roubaram-lhe o broche em que ella tinha tanta
estimação!

— Calcula tu como ficou o amante quando o soube!

**HUMORISMO
NO
ESTRANGEIRO**



—Mama! Deixas-me ir para o jardim? Quero ver o cometa que passa esta noite, ao céu.
—Vai, meu filho, mas não te aproximes muito...



O atleta para a assistência infantil:
—Uma nota de 500 escudos se algum de vós for capaz de me vencer...



—Não tenha receio. Sua mulher vai muito melhor. Até já tem a lingua limpa.
—Limpa?! Com aquele genio?! Não acredito, senhora enfermeira.



—Tenho ouvido dizer que a mulher resiste mais á dôr física do que o homem...
—Quem lhe disse isso? O medico?
— Não, o meu sapateiro.



O "Campo de Sant'Ana" e o "Campo Pequeno"

Nas cadeiras sobre o touril encontravam-se, no ultimo domingo, dois espectadores que simbolizavam duas épocas. Um, de cabelo branco e fato negro, uma estampa de 1830, outro, com chapéu côr de vinho e ar de beber leite, um autentico *papo-seco*.

Chamar-lhos-hemos *Campo de Sant'Ana* e *Campo Pequeno*, para os distinguir no diálogo que travaram.

Campo de Sant'Ana: — Então não foi p'r'a bola?

Campo Pequeno: — Hoje, não; vim vêr os filhos do Teodoro. Com eles, vai entrar vida nova nisto dos touros.

Campo de Sant'Ana: — Se chega a vêr os Robertos! Isso é que eram tempos! A esses não viu você, pobre pequeno!

Pequeno: — Não me chame pequeno com esse modo, senão chamo-lhe *Sant'Ana* por esse seu ar de santinho do pau carunchoso.

Sant'Ana: — E bem carunchoso! Mas no meu tempo não apareciam touros inimicos como estes do Vitorino do Vendas Novas. Eram os touros de D. Rafael da Cunha e os «Laranjos», que, quando assopravam, levantavam furacões na praça.

Pequeno: — Ai crédo! Olhe lá o senhor: o Tomé é desse tempo?

Sant'Ana: — Não senhor, mas parece um dos bons *capinhas* de então, ainda que não chegue aos calcunhares do Sancho.

Pequeno: — Se calhar, também não gosta do Zé Casimiro?

Sant'Ana: — Gosto, sim senhor, mas no meu tempo tourosava-se sem cabeçada e uma fita de sêda por rédea.

Pequeno: — Melhor faz o Simãozinho, que é só com as pernas e não precisa da fita.

Sant'Ana: — Ha quem diga que isso é fita!

Pequeno: — E do Ricardo Teixeira, gosta?

Sant'Ana: — E e o menino mudasse d'assunto?

Pequeno: — E' capaz de também não

gostar do *espada* do hoje, que é do Bilbao e o Segurado contratou em Madrid?

Sant'Ana: — Se tivesse visto o *Fras-cuelo*!

Pequeno: — Será possível que também não goste do Custodio?

Sant'Ana: — Lá desse, gosto. Mas os Calabaças e os Peixinhos...

Pequeno: — Pois pela bôca morreu agora o Peixinho, porque eu ainda vi o Silvestre Calabaça e só me lembro de o vêr bandarilhar com os pés no chapéu alto.

Sant'Ana: — Pois sim, mas o Rafael Peixinho era de se lhe tirar o chapéu.

Pequeno: — Olhe, sabe o que lhe digo? Que qualquer tempo passado é melhor e que as coisas têm a côr dos vidros com que se olham. O senhor olha os tempos passados com as lunetas d'aumento da saudade, que esquece os defeitos para só vêr as qualidades.

Sant'Ana: — Talvez, talvez...

Pequeno: — Hoje, o que acontece aos rapazes do meu tempo é que vamos muito a Espanha, onde se fourceia a pé melhor do que nós, e do paralelo saem perdendo os nossos. Depois do Belmonte...

Sant'Ana: — Antes do Belmonte, vi eu o Guerrita, que confessou que aprendeu a bandarilhar com dos ingleses do Portugal, como ele chamava aos Robertos por usarem «matacões» como os ingleses de então.

Pequeno: — Pois sim, mas com a *muleta* toureia melhor o Teodoro mais novo e sem ser ao estilo dos Robertos que, segundo ouvi, não davam descanso ao touro nem se deixavam vêr dele.

Sant'Ana: — Talvez, talvez... Mas aquilo é que eram tempos...

Pequeno: — Qualquer tempo passado é melhor...

E mais não disseram ou mais não ouviu o indiscreto

Perez-Lachaise

O amador da T. S. F.



— Até que enfim, oiço alguma coisa.

**HUMORISMO
NO
ESTRANGEIRO**



— Onde vive o senhor?
— Na rua dos homens casados.
— Mas essa rua não existe em Lisboa.
— E' a rua dos Martires...



Em casa do penhorista:
— Em virtude da nossa antiga amizade não lhe levo mais que 15 por cento.
— Ha muito tempo que não encontro uma amizade tão cara...



Entre pobres:
— E se esta noite fizéssemos uma coisa extraordinaria...
— Por exemplo, jantarmos...



Após a recaptura:
— ...e depois como é que o podemos castigar? Ele roubou o regulamento da prisão.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

O MARIA Vitoria vai remontar o *Rés-Vés*. Cuidado com o titulo da revista. E' tão facil confundi-lo com *revetz*.

Tanto mais que pode não ser certo...

HA... empresario que faz de uso. Quem o não quiere ser não lhe veste a pele. O animal é feroz, mas ha tão bons caçadores...

Quando poderemos dormir em paz nesta selva hirsuta dos batidores de teatro?

JOSE Loureiro, no dia da estreia da *Esperanza Iris*, envergou um magnifico *smoking*. Houve quem admire o luxo. Logo ele, entre simpatico e risonho:

—Cá ando eu *fardado*...

O *fardo* não é de todo mau, quando se é empresario como ele.

PALMIRA Bastos foi convidada a fazer de *Miss Portugal* a conto por dia.

Diz-se que ela expressou a sua recusa nestes termos:

—Já não vou em *contos* da carochinha...

Depois da *Mouraria*, depois do *Bairro Alto* — a *Madragôa*.

Vamos a isso. Lisboa tem as suas tradições. Nenhum bairro deve ficar a chorar pela gloria do visinho. Era

menos um *fado*—e menos um sucesso garantido, não tenham duvidas,

BREVEMENTE reabre o Edon-Teatro com uma companhia de revista, dirigida pelo tenor Almeida Cruz. Conclusão: uns cantam; outros des-afinam.

O JOSE Climaco cortou, temporariamente, em Lisboa, a coleta de empresario.

Fez bem! Qualquer dia levavam-lhe couro e cabelo. Aquilo era um *depilatorio* de uma pessoa ficar calvo em menos dum *fosforo*...

O AVELINO de Sousa anda maluco com o *Bairro Alto*. Faz versos a toda a hora para os anuncios dos jornais. Mas olhe que é escusado. Eles vão ao teatro mesmo sem isso.

O *GEBO* e a *Sombra* — foi uma grande sombra de publico, no Nacional. Se fosse no mesmo sector dos touros ainda os espectadores compravam bilhete. Mas aissm—tiveram medo de ficar ás escuras.

ESPERANZA Iris deu-nos o *Kiss-me*. E foi certo—no final beijou o publico. Até parecia da revista...

LEOPOLDO Froes embarca para o Brasil com Chaby Pinheiro. Um fará no Rio de Janeiro o *Senhor que se se-*

que; outro o *Leão da Estrela*. Este não arranhará quando lhe chegar a vez? Como são ambos bem educados, não ha que recear.

O ERICO Braga anda pela provincia arejando o talento. Cuidado com as constipações! Não desejamos que um dos mais robustos empresarios portugueses apareça por ahi doente. Se assim fosse, seria talvez obrigado, por conselho medico, a fazer o *Lit Nupcial*.

Erico! Olha que a cama está traduzida com a melhor *sumaúma* da lingua portuguesa. Não é *suma-pau*, como tantas outras.

HA um *fado* novo: o «*Fado das Iscas*».

Sem elas ou com elas? E' uma *dose* de musica que se recomenda aos bons paladares da canção nacional. Dispensará bicarbonato?

LUCILIA Simões vem fazer a sua festa a Lisboa com o *Robe Rouge*.

Será mais um *cardeal*?...

SAMWEL Diniz é presidente do Sindicato dos Artistas.

—Então que tal, Samwel?!

—Não me digam nada. Nem uma palavra. E' o papel mais difficil de toda a minha carreira!

ANEDOTA francesa: Certo critico dramatico tinha sido

um dia bastante severo com a peça dum juvenil autor, cujas qualidades literarias estavam ainda em embrião.

O critico, que era bastante distraído ou fraco de memoria, encontrou uma vez a sua antiga *vitima* e, como se nada houvesse entre eles, apertou-lhe efusivamente a mão.

Atónito, o autor balbuciou um cumprimento sêco e desafegado.

E o outro, cada vez mais distraído:

—Não, não me agradeça. Sabe bem quanto o estimo e admiro! Já lhe tenho dado provas disso e continuarei a dá-las.

OUTRA anedota:

Madame Rasimi encontrou-se em Lyon com uma companhia de revista. Como fosse necessario um tenor, o director da companhia fez uma audição dos artistas que lhe apareceram. Um deles, com um terrivel acento e com uma voz de *falsete*, preciosa em *fifias*, declarou:

—Canto seja o que fôr.

Deram-lhe uma romança. Escusado será apreciar o estado em que ela saiu.

—Mas afinal o senhor não é tenor?!

—Ah! Isso é que eu!

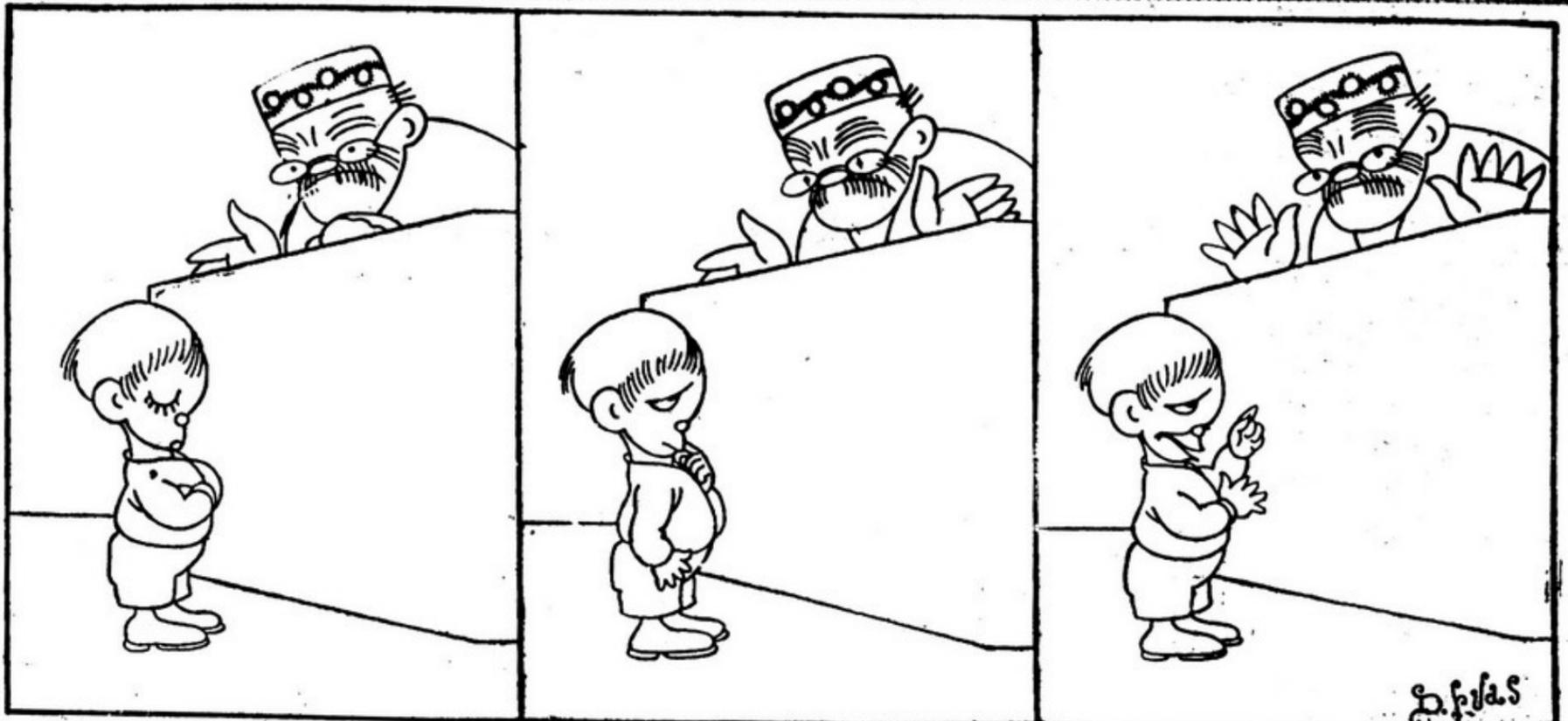
—Então porque canta nesse tom?

—E' para não o escangalhar?

—Escangalhar o quê?

—O timbre, sr. director. Quero conservá-lo intacto; por isso é que canto fora dele!

O Homem das 5 horas



—Vamos lá a vêr o que significa a palavra "féria"?

—Não... me... "alembro..."

—Pense bem, nada de pressas. Vá lá. O que é que o teu pai costuma levar, aos sabados, para casa?

—Espere um bocadinho, senhor professor... Ah! Já sei! E' uma grande tachada...

CANÇÃO NACIONAL

Fado das especialidades e dos pitéus nacionais

Mote

Quando houver ocasião para provar's um petisquinho, come lampreia do Minho, toma um «toman»... e vai a Olhão.

Glosas

Se um dia quizeres provar um petisco regional, tens em todo Portugal coisas de bom paladar. Tens os queijos de Tomar, tens, d'Aveiro, o mexilhão, prova as pêras do Fundão, come, em Coimbra, uma arrufada e em Lisboa peixe espada... quando houver ocasião...

Tens os palitos d'Oeiras, pão de ló de Margaride, paio em Castelo de Vide e, em Braga, as frigideiras. Em Bragança tens alheiras, mais as sardinhas d'Espinho, dá-te o Porto o melhor vinho, Valongo regueifa boa e Avintes tem a brôa p'ra provar's um petisquinho.

Tens os pasteis de Boleim, em Cintra tens as queijadas, em Elvas uvas passadas, Celestes de Santarem. Pão saloio do Cacem, Em Colar's o ramisquinho, tens o savel do Arcinho, lá na Serra até tens Ceia. e, p'r'a pança ficar cheia, come a «lampreia» do Minho.

Em Arouca tens murcolas, salmonetes em Setubal, tens bons pasteis de Tentugal e vinho branco em Bucelas. Marmelada d'Odivelas e vinho verde em Gátão, Torres, pasteis de feijão, e, se a fome for de lóba, se quizer's mais alfarroba, toma um «toman»... e vai a Olhão...

José Barbosa.

BRISTOL CLUB DANCING O UNICO SEMPRE EM FESTA

Heroísmo infantil



—Tu tens medo?
—Absolutamente nada! O barulho da detonação é que me desagrada...

A NOVELA DO "FIXE"

O grande remedio

Quando se inaugurou, em Paris, a Grande Roda, eu e um meu companheiro de desterro em França, hoje milionario, grande negociante de ferro, resolvemos dar uma volta nesse grandioso engenho, cheio de enormes vagões que, ao longe, me davam a impressão de martelinhos de um gigantesco martirio colhido num colossal caneteiro.

Andava eu, nesse tempo, tratando-me de um ataque fortissimo de mandrice intestinal que me obrigava a comer pouco, sempre desconfiado da falta de local para armazenar um bom jantar. Apetito não me faltava, mas, com receio de um volvo, só me alimentava a leite, consommés e outros alimentos liquidos.

Todas as lexivias ricinosas não conseguiam lubrificar a engrenagem do meu relógio que, por tal, andava sempre a dar horas... isto é com o estomago vazio.

Pôs-se em grève, portanto, o meu organismo, quando eu só admiti até hoje a grève em principio, mas não de facto.

Este caso não me trazia economia alguma, visto que a pensão estava paga e ao mês...

Ora, como disse, fomos dar uma volta nesse colossal engenho, visinho mais baixo cem metros do que a Torre Eiffel. Entrámos no Trocadero e, lépidos, tomámos lugar num dos enormes vagões.

Como companheiros, tivemos uma inglesa velha, uma senhora e uma menina.

Dentro de pouco, a roda começou girando lentamente e os vagões elevaram-se, suspensos, nos resistentes raios.

Junto da roda estava edificada uma enorme chaminé, réclame duma fabrica de tijolos, chaminé que do chão mal se divisava o tope mas que o vagão ultrapassava por forma tal que me deixou, depois, lá nas alturas, com a impressão de ser um alfinete espetado no chão.

Até aqui tudo ia bem, mas, de repente, eis que a roda pára!

—E' para meter passageiros em baixo—diz-me o meu companheiro

De lá do alto, admirei Montmartre, o Sacré Cœur e o Moulin de La Gallette, em frente do qual eu morava.

Olhei para todos os lados, fartei-me de ver o panorama, mas a roda não andava.

—Que diabo rerá isto?—disse-me o

meu companheiro.—Com certeza que alguma coisa se passa...

Tentéi olhar para baixo, como se quizesse fiscalizar a causa de tão demorada paragem.

—Oh! Diabol!—tornou o meu companheiro.—Querem ver que é um desarranjo como o de ha quinze dias! Imagina que isto já esteve parado e tanto que os marinheiros tiveram que vir cá acima trazer alimentos aos encaixotados passageiros...

A minha côr mudou... Mudou e desapareceu por completo quando ele me disse que, durante três dias, os desgraçados estiveram naquelas alturas dependurados.

Não quiz ouvi: mais... Os meus pobres intestinos assustaram-se muito mais do que eu. O coração batia, nas veias nem pinga de sangue, que é como quem diz: estava tranzido do receio.

A pequena inglesa, chorando, perguntava á mãe:

—Why is this stopped?

A luta nervosa que se travou dentro de mim tinha rancos de tempestade.

Nesta altura, a roda começou a subir, a girar, e—é felicidade!—o pseudo perigo tinha passado. A serenidade voltou ao meu espirito, mas a ansiedade de me apear continuava.

Lembrei-me de que havia um mês que me estava medicando, sem resultado, de uma paralizante doença... e que, nessa altura, os prognosticos do efeito se estavam operando...

Chegámos, enfim, a terra. Abri-se a porta do vagão e, em frente, uma glissagem em forma de selim levou-me a um estabelecimento muito bem montado de uma firma mundial que sempre encobre o nome do proprietario com duas conhecidas iniciais...

No dia seguinte, ao abrir o Petit Journal, deparei com o seguinte anuncio:

GRAINS DE SAINTE DO DOUTOR "TAL" Contra a prisão de ventre Efeitos rapidos e seguros Caixa 5 francos

—Pois sim, canta-lhe dessas...—disse eu comigo.—Uma volta no Roda só custa dois francos...

Reporter B.



ELA —Jorge, meu amor, prometo-me que não te separarás nunca de mim!

Bom humor

O medico:—O senhor, sem duvida, fez um grande esforço.

O enfermo:—Sim, doutor... Acabo de pagar os impostos semestrais...

Num restaurant, em frente do vestiario:

—Aquele sobretudo deve ficar-mo muito bom...

—Como sabes tu isso, se ele não é teu?

—Por enquanto...

—Vejo que os jornais já não falam em Tut-Ank-Amen.

—Quem sabe se ele já morreu.

—Tu dormes com a boca aberta... —Olha que nunca reparei, mas esta noite vou experimentar...

Um gatuno entra numa estação de correio. Dirige-se ao guichet, de pistola em punho, e intima a empregada:

—Não grite! Entregue-me imediatamente o dinheiro, as estampilhas e todos os valores postais.

—E' no guichet ao lado, sr. gatuno. Aqui só se recebem telegramas...

—Jorge, ha modas nesse jornal? —Muito atrasadas, querida! Não vês que é o jornal desta manhã...

Entre amigas:

—Conta-me os escandalos que houve na minha ausencia...

—Como não estavas cá não houve escandalo nenhum...

Num antiquario:

—Este é o unico Rembrandt que se encontra á venda na Europa.

—Mas não me disse que tinha dois...

—Sim... mas o outro ainda não está terminado.

O director da prisão:

—Porque escolheu essa cela?

O reu:

—Tradições de familia. O meu pai já a ocupou.

A visita:

—E' indiscutivel! Sua filha progrediu muito no piano.

—Mas ela agora não está tocando. Limpa, simplesmente, o teclado...

—Acha que minha filha deve ir estudar canto em Milão?

—Mais longe ainda, se é possivel.

Pastelaria Rendez-Vous du Parc do Estoril de Domingos Augusto da Silva

ESPECIALIDADE em bolos d'ovos e bolos secos

ESMERADO serviço em fabricação de bolos em todas as qualidades

FIVE O' CLOCK-TEA

Telef. N. 130 ESTORIL

CONCURSO DO "FIXE"

Quem será o beleza de homem?

Um concurso de *Beleza d'Homem*, parecendo, á primeira vista, coisa de facil realizacão, traz consigo inconvenientes e dificuldades.

Uns, queixam-se de que os carica-



(Desenho de Albuquerque)

Mario Salgueiro

Bons dentes, corpo escultural e quasi sem pelos

turámos com dentes maiores do que os que possuem; outros, de que os pómos mais feios e com curvas maiores.

Todavia, a ninguem pode restar duvidas de que o concurso do *Fixe* tem despertado grande interesse entre os intelectuais.

O júri que procederá á escolha do *Beleza d'Homem* é composto, como havíamos dito já, por individuos que nada percebem de estética e são, consequentemente, dotados de verdadeira incompetencia para proceder a essa escolha.

Assim, e porque conseguimos demover o sr. João Franco, da *Brasileira* do Chiado, da resolução de não fazer parte do júri, podemos dar hoje aos nossos leitores os nomes dos individuos que o compõem:

Presidente: «João Franco», anti-estética de valimento;

Secretario: Alberto, higienista com curso na *Brasileira* do Chiado;

Vogal unico: o zeloso funcionario da C. M. L. que varre os passeios do Chiado.

No caso de empate de votos, emitirá o seu parecer o conhecido estéta João Maria Sevilla.

Da gravura que hoje publicamos poder-se-ha mais uma vez concluir que muito se empenha o *Sempre Fize* que ao seu concurso só venham os intellectuais com entrada livre na *Brasileira* do Chiado, sejam maiores de 21 anos, tenham cabelo e dentes, ainda que poucos.

* * *

Na impossibilidade de responder pelo correio a inumeras cartas que nos têm sido enviadas com fotografias para publicacão, vamos tentar fazê-lo aqui:

Eduardo Frias. — Não, senhor. A falta de dentes não impede nada.

Luis d'Oliveira Guimarães. — Pois sim. Mas sem nariz.

Afonso Gato. — Sim, senhor. Mandem-nos o condemnado... por si.

Brito Camacho. — Porque não? Sendo uma coisa associada...

Belo Redondo. — Publicar os. Mande a fotografia em tamanho natural.

Luis Figueira. — Sim, senhor. Tire o monoculo.

Alvaro Mau. — Zangado? Porquê?

Rogério Perez. — Sim, senhor. Não é preciso chinó.

Carlos Faro. — Muito obrigado. O senhor é o que o chama uma cara direita.

CASO GRAVE E SERIO...

ALEITAMENTOS MODERNOS

A eficacia do biberão

Eis aqui o drama em toda a sua simpleza, conforme, numa graciosidade para tantos, o relator Guy de Téramond, convidando á transposiçãõ.

O pequeno dos Azevedos era branco e rosado, como a flôr da amendoeira que resplandece em terras algarvias. Tambem loiro, deste oiro admiravel que se vê nos «bambine» dos pintores italianos. Um amor de criança sem tirar nem pôr!

Segundo a sua mamã, não existia nenhum mais belo em Lisboa.

—«Em Lisboa?»—corrigiu o pai, com orgulho. Não. No universo inteiro!

Entretanto, o bom doutor que o havia trazido para o mundo e seguia com atencão os seus primeiros vagidos na vida—a cincoenta escudos cada visita—disse certo dia á sr.ª D. Jeronima.

—Não estou nada satisfeito com o nesso lindinho... Não aproveita o que deve, o bastante... A minha senhora vai ajudá-lo com um aleitamento artificial... Dê-lhe, pois, três vezes por dia, uma boa mamadeira suplementar... É muito simples. Quanto ao mais... arranje uma garrafinha, aplique-lhe uma teta de borracha, encha-a com o melhor leite que possa... e depois falaremos!...

A sr.ª D. Jeronima teria preferido continuar amamentando o filho com o seu leite proprio. Ah! as mããs!... Mas o conselho do bom doutor era formal. Tinha-se que obedecer-lhe.

Ela comprou, pois, uma garrafa sem leite o um canudo, e, seguindo a recommendaçãõ do medico, fez ferver tudo com cuidado, conforme todos os principios de hygiene. Em seguida, ela

No dia seguinte, o bom doutor appareceu, sorridente—a cincoenta escudos cada visita...

—Então?—gritou ele ao entrar—como vai o nosso pequerrucho, hoje? Aproveitou com o seu novo regime?

—Ah! doutor...—exclamou a mãe, desolada—quer lá saber? Não sei o que tem esta criança... Mama sem mamar!...

—Como é isso... mama sem mamar?...

—Tira e não lhe vem nada!...

—É! inacreditavel o que me conta... Experimente um pouco diante de mim...

A experiencia foi tornada a repetir uma vez mais.

Deram o biberão á criança. Entregase a uma chupadeira veemente. O leite não diminuo nada.

—Nunca vi tal!—exclamou o medico, coçando a cabeça... É evidente que ha qualquer coisa que impede este pequeno de mamar. Mostre-m'o cá...

Auscultação. Exame dos mastoideos. Vê a garganta... o nariz... Não apparece nada de extraordinario.

Volta a dar-lhe de mamar mais uma vez. O mesmo resultado negativo.

—Extraordinario! — murmurou o doutor. O leite é bom?

—O melhor do sitio... pastorizado... maternizado... tapado...

—Deixo-m'o vê... para eu provar...

—Não ha nada que dizer deste leite. Parece de primeira qualidade.

—E ele continuou na brincadeira?

—A cada vez que lhe apresento o seu biberão...



Emquanto o pequeno não mama...

deu o biberão a seu filho. Este mostrou evidente satisfacão. Batia as mãos, agitava os pésinhos, dava gritos de alegria e ainda a mamadeira não lhe havia sido introduzida na boquinha já ele se punha a chupar gulosamente.

E é aqui que o misterio tem principio.

Ao fim de cinco minutos, a sr.ª D. Jeronima não notou que o leite nem um milimetro diminuise.

Chamou o marido.

Tornaram a dar a mamadeira á criança. Ela pôs-se a chupar avidamente. O nivel do leite nem por isso baixou mais.

Era extraordinario!

Não tinha elle a força sufficiente? Brincava assim, unicamente, fingindo que mamava? Mostrava elle o seu desgosto por um outro leite que não era o de sua mãe?

As três mamadelas do dia foram o mesmo: ninguem percebia nada disto.

Fitas faladas

A semana que passou, no Tivoli, foi a semana dos Nicolaus.

No primeiro filme, *O Alto ou O Homem dos Sete Officios*, apparecem nada menos de dois: Koline e Rimsky—Nicolau I e Nicolau II.

Nicolau I apanha a camocca do costume. É ele, nas fitas, e o Amaranthe, nas festas artisticas. Desta vez deu-lhe para chamar criança á André Brabant, que orça pelas quarenta primaveras bem pesadas. Tenho uma grande consideracão pela senhora,



Um dos Nicolaus

mas se o Koline lhe tivesse acertado em cheio—na fita, já se vê—não se tinha perdido grande coisa.

A marreca do Vermoyal e a barriguinta do Monfils completam o conjunto.

No intervalo, Nicolau II viu que tristezas não pagavam dividas nem enchiam a casa. Tratou de mostrar a calva, colou com verniz a môsca e o bigode, e ele ahí está todo Moluchet, pronto a fazer rir a selecta assistencia.

Como o Jim, *Rei dos Gatunos*, assim caracterizado, não se parecia nada com o Robles Monteiro, o publico riu que foi o gosto. Parecia que tinha havido distribuicão gratuita do *Sempre Fize*, porque nada tem tanta graça como quando é... de graça.

Apesar da gatunagem andar á solta no écran, nenhum dos espectadores ficou sem a carteira nem pode dizer que lhe tinham... subtilizado o preço do bilhete.

O Nicolino, em honra do Nicolau, tocou uma *ouverture* do Nicolai.

Emfim, houve Rimsky para todos os paladares. Só faltou que a orquestra, com o a-proposito habitual, tocasse qualquer coisa de Rimsky... Korsakow.

* * *

O Salão Central, enquanto não chega uma nova remessa de filmes com o Richard Talmadge aos pinotes, substitue o Coliseu, com cavalinhos. Na companhia de circo vem um dos 449 Macistes que andam por esse mundo. Mas este, como sempre, é que é o autentico, embora na vida privada lhe chamem Bartolomeu.

Preenche o programa uma comedia da Dorothy Devore com um titulo que é um paradoxo: *Casar para ser livre!* Só divorcando o marido...

* * *

O Olimpia, como a venda por grosso não deixa nada, continua a correr fitas a retalho.

Além do *Sacrificio Inutil* do *Leão de Venezia*, exhibe Biscot, o sempre-fixe do cinema francês, no filme *Bibi-la-Purée*, que, por um milagre, os nossos legendistas não traduziram á letra, nem vem publicado em folhetins, no *Noticias*.

Seria uma injustica não assinalar tambem o heroismo do O'Donnell, chamando *innocente* a um actor que lhe custa os olhos da cara.

José Parreira

Retardador.



O que se diz e o que se não deve dizer

O II Portugal-Italia apreciado no Congresso geral da Federação

Para que o II match de foot-ball entre a Italia e Portugal seja definitiva portença da historia, apenas falta que se realize o Congresso geral da Federação—um congresso que vai ser uma sucursal da Praça da Figueira e um arraial de demissões. Da lista dos condenados ou auto-condenados constam já:

Avelino de Andrade—demitem-no.
Avila de Melo—demite-se.
Candido de Oliveira—demite-se.
Mario de Castro—demite-se (?).
Raul Vira—demitem-no.
Reis Gonçalves—demitiu-se.
Urgel Horta—demite-se (?).

Os que não foram a Italia, ou se demitem ou demitem-nos. E os outros: demitem-se porque já lá foram...

O celebre construtor automobilista americano Ford guiava um carro numa avenida de Nova York quando encontrou um amigo. Parou o auto e o amigo dirigiu-se-lhe, admiradissimo:

—«Então, tu andas num *Rolls Royce*? Que quer isto dizer?»

—«Infelzimento é assim mesmo! Por mais carros que eu fabrique, não consigo satisfazer todos os pedidos. De modo que: nem posso ter um para meu uso pessoal. E vi-me obrigado a comprar um *Rolls*. E' o melhor que ha, depois do *Ford*...

Diz-se que um dos nossos grandes nadadores de fundo vai tentar este ano a travessia da Mancha.

Achamos bem. Porque tendo o canal, em média, trezentos metros de profundidade, a travessia da Mancha é, realmente, uma prova de fundo...

O team português de foot-ball obteve em Turim um grande exito... nos cumprimentos.

Os rapazes saudaram a Italia, estendendo o braço direito, segundo a moda mussolinica. Mas perderam,

No domingo passado, em Paris, os franceses empataram com os italianos. O cumprimento final foi a da apresentação das armas de S. Francisco.

A praga automobilista dos taxis lisboetas vai ser aumentada com a importação duma novidade ainda mais economica, e que é a dos: *taxis mono-places*.

Informam-nos de que se trata duns automoveis miniaturais e que, segundo o nome indica, só podem atropelar uma pessoa de cada vez.

Para se dar ares, emprega a Associação de Foot-ball de Lisboa uns cu-

riosos quartos de papel com a designação terrorifica de *Ficha medica e biometrica*.

Tem, como fins unicos: chatear os jogadores e os clubes—o divertir os clinicos e as pessoas de bom senso.

Emprega para determinação dum indice de robustez uma formula que obteve grande exito na era da pedra polida. Mas, para maior divertimento publico, indica como coeficiente minimo o numero 14, tendo o inventor da formula determinado ser 10 o do homem normal, e quanto menor mais robusto!

De todo o aparelho circulatorio, só interessa á ficha medica da A. F. L. o estado do coração e a existencia do varizes.

A possibilidade da morte dum jogador pela rutura dum aneurisma é, evidentemente, uma coisa em que nem sequer morece pensar.

E as restantes perguntas são do mesmo teor.

Em resumo:—aquela ficha dava uma pagina do *Fixe*.

Pergunta-nos um leitor se, depois de ter batido Dempsey, Gene Tunney não voltou a combater.

Voltou, sim senhor.

Encontrou já, uma vez, o presidente Coolidge. Apertaram-se as mãos e... e o match foi imediatamente suspenso...

No ultimo congresso internacional do foot-ball, realizado em Roma, o francês Rimet, presidente da F. I. F. A., fez, numa festa realizada nos arredores em honra dos congressistas, um discurso salpicado de bom espirito gaulés.

O delegado duma federação, cujo nome não vem para o caso, querendo exprimir a sua admiração ao presidente Rimet, saiu-se com esta:

—*Tous avez été très satyre...*

Os delegados franceses sorriram. E um deles disse baixinho para Rimet:

—*Je vous felicite. A cinquante ans—c'est fateur...*

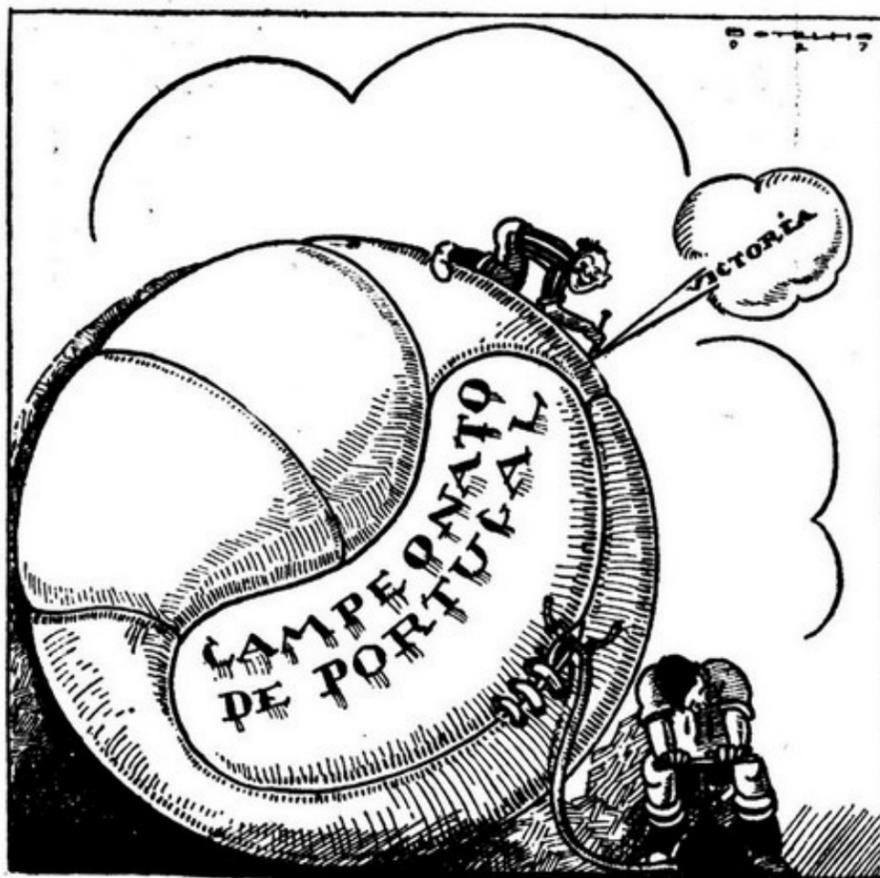
Ha quem se admire da abundancia de jornalista: desportivos.

E', afinal, uma abundancia que resulta das facilidades de fabrico—facilidades que se resumem ás da reportagem dos desafios de foot-ball.

A maior parte dos azes do jornalismo da especialidade assentaram fama e assinatura sobre criticas acacias, feitas de lugares comuns e do palavras britannicas.

Se, em demanda de ideias, se lhes fosse possivel espremer o cerebro—só saíam *corners*...

Marítimos e terrestres...



Lembrem-se de que o Vitoria faz sempre a sua partidinha...

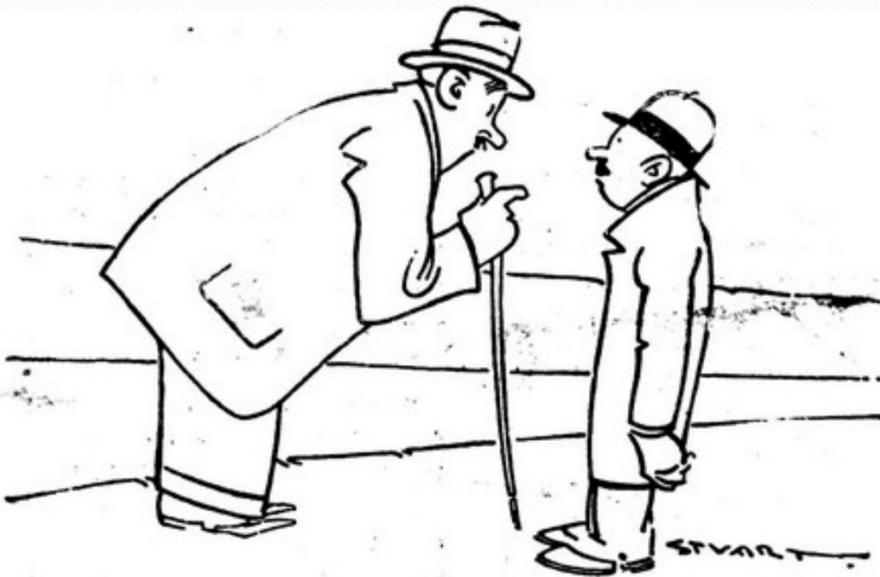
Rebola-A-Bola.



— Previno-o que preciso dum homem muito forte.
 — Esteja descansado, cavalheiro! Eu sou muito decidido. Já estive na cadeia por dar cabo de tres tipos..



BOTELHO 4927
 ELA—Antes de nos casarmos chamavas-me «teu anjo». Agora não me dizes nada.
 ELE—E' para não ferir o teu amor proprio.



— Podia dizer-me se, por aqui, vou bem para casa?
 — Onde é que o senhor móra?
 — Sei lá. Os gatunos fizeram-me a mudança esta noite ...



O "chauffeur".: — Faz favor, delta-me meio litro numa garrafa enquanto eu espero que este cavalheiro passo ...
 O taberneiro: — Acho melhor um litro. O Jornal tem 18 paginas ...

NO TEATRO DA VIDA...

